

Natalidade, fecundidade e prolicidade na América Latina*

SUMÁRIO: 1. A elevada natalidade, fator principal do rápido incremento demográfico da América Latina.- 2. Falhas das estatísticas dos nascimentos.- 3. Taxas de natalidade geral.- 4. Taxas de fecundidade geral.- 5. Proporções entre o número das crianças de 0 a 9 anos e o das mulheres de 15 a 49 anos.- 6. Falhas e imprecisões dos dados sobre a distribuição dos nascidos segundo a idade da mãe.- 7. Taxas de fecundidade por grupos de idade.- 8. Taxas cumulativas de fecundidade até o fim do período fértil.- 9. A prolicidade: distribuição dos nascidos segundo o número de ordem.- 10. Taxas de fecundidade segundo a idade da mãe e o número de ordem do filho.- 11. Idade média das mães, ao nascimento do nºº filho.- 12. Número dos filhos tidos até a data do censo.- 13. Considerações finais.

Apêndice: Cálculo das taxas de fecundidade feminina por grupos de idade.

1. O crescimento extraordinariamente rápido da população da América Latina no decênio 1951-60 - de 165 para 210 milhões de habitantes, isto é, de mais que um quarto - foi devido em parte preponderante ao excedente dos nascimentos sobre os óbitos, tendo sido relativamente pequeno o excedente das imigrações sobre as emigrações.

Esse elevado excedente de nascimentos foi conseguido, apesar da mortalidade ainda elevada (18 a 20 por 1 000 habitantes, na média da região), em virtude do alto nível da natalidade (42 a 44 por 1 000 habitantes).

Torna-se, portanto, particularmente interessante o estudo da natalidade e da fecundidade feminina nos países latino-americanos, não somente para o demógrafo, mas também para o sociólogo e o economista, pois que a excessiva rapidez do incremento demográfico contribui para agravar as dificuldades da existência de largas camadas das populações e para frustrar os esforços que visam à melhoria do padrão de vida.

O objetivo da presente análise, entretanto, é apenas o de coordenar e elaborar os dados referentes à natalidade na América Latina, para fornecer uma base adequada de fatos às pesquisas sociológicas e econômicas¹.

* * *

* Estudo redigido pelo Prof. GIORGIO MORTARA.

1 Alguns aspectos da natalidade ilegítima foram pesquisados pelo autor nos estudos anteriores desta série, Nº 258, As mães solteiras no Brasil, e Nº 260, As uniões conjugais livres na América Latina.

2. Os estudos sobre a natalidade encontram graves dificuldades pelas falhas do registro dos nascimentos que se verificam na maior parte dos países latino-americanos.

Para Cuba, o Haiti e o Paraguai falta a estatística dos nascimentos; na Bolívia e no Brasil ela apresenta vastas lacunas. O Serviço de população das Nações Unidas não considera, ainda, fidedignas as estatísticas da República Dominicana, de Honduras, da Nicarágua, da Colômbia (baseadas nos registros de batizados), do Equador (que não incluem as crianças falecidas nas primeiras 24 horas sucessivas ao nascimento), do Peru e da Venezuela. Considera "relativamente completas" as estatísticas de Costa Rica, de El Salvador, da Guatemala, do México, do Panamá, de Jamaica, de Porto Rico, de Trinidad e Tobago, da Argentina, do Chile e do Uruguai².

Em geral os erros das estatísticas dos nascimentos são erros por falta, dependentes da omissão do registro, dentro dos prazos legais, de parte dos nascimentos ocorridos. Como, porém, alguns desses nascimentos são registrados mais tarde (às vezes com anos e até decênios de atraso), as omissões ficam parcialmente compensadas por estes registros tardios, que em alguns casos, acumulando-se em breve período em consequência de disposições legislativas destinadas a promovê-los, ou de interesses especiais (obtenção de certificados eleitorais, por exemplo), podem até determinar erro por excesso no número dos nascidos em dado ano constante da estatística.

Parece provável que os dados das estatísticas dos nascimentos para os anos mais recentes, embora incompletos, correspondam a mais que 80% dos nascimentos ocorridos no ano a que se referem, para os seguintes países, cujas estatísticas foram classificadas acima entre as fortemente incompletas: Honduras, Nicarágua, República Dominicana, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela.

Os resultados dos censos permitem alguns controles, largamente aproximativos, das estatísticas dos nascimentos. Mas, justamente nos países em que estas estatísticas ficam mais afastadas da verdade, os dados censitários são, também, afetados por graves erros nas declarações de idade, que dificultam esses controles. Nos limites do possível, serão aproveitados também os dados censitários para os fins do presente estudo.

* * *

3. Apesar das falhas das estatísticas dos nascimentos, as taxas de natalidade calculadas de acordo com elas marcam níveis muito elevados na maior parte dos países da América Latina, excedendo 40 por 1 000 habitantes em doze dos vinte incluídos na tabela I e 30 por 1 000 em seis outros.

² Para o Uruguai, entretanto, a falta de um recenseamento recente dificulta o cálculo de taxas de frequência.

Apresentam taxas da ordem de 49 a 45 por 1 000 habitantes a Guatemala, Costa Rica, El Salvador, o Equador, o México e a Venezuela; de 44 a 40 por 1 000, o Brasil, a Colômbia, a Nicarágua, Honduras, a República Dominicana e o Panamá. Em alguns destes países as taxas efetivas de natalidade devem ser ainda maiores do que as aparentes, já tão elevadas.

Seguem-se, com taxas da ordem de 38 a 33 por 1 000 habitantes, Trinidad e Tobago, Jamaica; a Bolívia e o Peru (onde as taxas efetivas devem exceder 40); o Chile e Pôrto Rico.

Destacam-se fortemente dos demais países a Argentina e o Uruguai, com taxas aparentes da ordem, respectivamente, de 25 e 19 por 1 000 habitantes e taxas efetivas ligeiramente maiores.

O nível da natalidade na Argentina está próximo dos verificados na América Anglo-saxônia (27,5 por 1 000 habitantes no Canadá, 24,1 nos Estados Unidos, em 1959); o nível no Uruguai fica pouco superior à média da Europa Ocidental, onde na maior parte dos países a natalidade não chega a 20 por 1 000 habitantes³.

Comparando-se as taxas de 40 a 49 por 1 000 habitantes, predominantes na América Latina, com as de 15 a 19 por 1 000, predominantes na Europa, pode-se melhor apreciar o grande atraso da nossa região na revolução demográfica característica do século atual, pela qual a natalidade vem sendo reduzida a níveis mais adequados aos da mortalidade, fortemente diminuída em virtude do progresso da ciência e da organização sanitária.

* * *

³ Taxas de natalidade por 1 000 habitantes: Suécia 14,2, Inglaterra e Gales 16,4, Alemanha Ocidental e Suíça 17,6, Itália e França 18,4, Espanha 20,2, Holanda 21,3, Portugal 23,5 (dados para o ano de 1959, exceto Suécia e Suíça, 1958, e Espanha, 1950).

Tabela I

Taxas de natalidade geral e de fecundidade geral *

P A Í S	ANOS	NASCIDOS VIVOS POR 1 000	
		Habitantes	Mulheres de 15 a 49 anos
Costa Rica	1957-59	48,8	206,1
El Salvador	1957-59	47,3	189,1
Guatemala	1957-59	49,3	203,1
Honduras	1957-59	42,6	180,2
México	1956-58	45,6	185,3
Nicarágua	1957-59	42,9	181,9
Panamá	1957-59	40,5	173,6
Jamaica	1954-56	36,2	141,6
Pôrto Rico	1957-59	32,6	142,4
República Dominicana	1957-59	40,6	172,9
Trinidad e Tobago	1957-59	37,6	166,1
Argentina	1955-57	24,8	94,8
Bolívia	1953-55	35,4	141,1
Brasil	1950	43,5**	176,2**
Chile	1955-57	34,2	133,9
Colômbia	1957-59	43,3	179,3
Equador	1956-58	46,6	197,2
Peru	1956-58	34,9	154,0
Uruguai	1953-54	19,0	...
Venezuela	1954-56	44,9	188,8

* Os dados da presente tabela e das sucessivas foram calculados, na maior parte, com base em dados do Annuaire démographique das NAÇÕES UNIDAS.

** Estimativas do autor.

4. As taxas de fecundidade geral calculadas de acôrdo com os dados das estatísticas dos nascimentos variam em estreita correlação com as taxas de natalidade, apesar das diferenças que se verificam entre os vários países na composição proporcional por idade da população feminina em idade fértil. Considerando-se apenas os casos extremos, vê-se que a Guatemala e Costa Rica, com taxas de natalidade triplas das da Inglaterra e da Suécia, têm, também, taxas de fecundidade geral quase três vezes maiores.

Como consta da tabela I, a proporção média anual dos nascidos vivos por 1 000 mulheres em idades de 15 a 49 anos excede 160 em treze dos vinte países latino-americanos (chegando a exceder 200 em dois dêles), e 130 em seis outros.

Os valores mais elevados são atingidos em Costa Rica, na Guatemala e no Equador (respectivamente, 206, 203 e 197 nascidos vivos por 1 000 mulheres de 15 a 49 anos). Valores entre 189 e 180 observam-se em El Salvador, na Venezuela, no México, na Nicarágua e em Honduras; entre 179 e 173, na Colômbia, no Brasil, no Panamá e na República Dominicana; de 166 em Trinidad e Tobago. Lembre-se que em alguns casos os valores efetivos devem exceder êstes valores aparentes.

Níveis nitidamente inferiores, embora ainda elevados, de 154 a 141 nascidos vivos por 1 000 mulheres de 15 a 49 anos, verificam-se no Peru, em Pôrto Rico, em Jamaica e na Bolívia (no primeiro e no último dêstes países, entretanto, os níveis efetivos provavelmente excedem 160); no Chile a taxa desce para 134 por 1 000.

Muito menor, 95 por 1 000 mulheres de 15 a 49 anos, é a taxa de fecundidade geral na Argentina, e ainda menor deveria ser no Uruguai, onde não se torna possível o respectivo cálculo pela falta de dados acêrca da população feminina.

Salvo nos dois últimos países, as taxas de fecundidade geral latino-americanas ficam bem maiores do que as do Canadá e dos Estados Unidos (respectivamente, de 117,4 e de 103,3 em 1959), e ainda mais distanciam-se das taxas da Europa Ocidental, que na maior parte dos países não atingem 90 por 1 000⁴.

* * *

4 Taxas de fecundidade por 1 000 mulheres de 15 a 49 anos: Suécia 60,4, Itália 69,7, Inglaterra e Gales 70,0, Suíça 70,3, Espanha 72,3, Alemanha Ocidental 76,4, França 83,1, Portugal 90,9, Holanda 91,3 (dados para o ano de 1959, exceto Suecia e Suíça, 1958, e Espanha, 1950).

5. Os dados censitários podem ser aproveitados, como já foi lembrado, para o contrôlo das estatísticas dos nascimentos e das taxas calculadas de acôrdo com elas.

A grande imprecisão das declarações de idade dos recenseados na maior parte da América Latina não permite induções baseadas no número das crianças declaradas de idade inferior a 1 ano⁵. Um índice da natalidade amiúde usado é constituído pela razão entre o número de crianças de 0 a 4 anos e o das mulheres de 15 a 49; mas os erros nas declarações de idade das crianças são tais que para a América Latina convém tomar como numerador da razão o número das crianças de 0 a 9 anos. Os elementos e os resultados do cálculo efetuado de acôrdo com êste critério constam da tabela II.

5 No Haiti, por exemplo, em 1950 foram declaradas de idade inferior a 1 ano apenas 73 597 crianças, enquanto as de 2 anos completos ascenderiam a 83 902 e as de 10 anos a 102 296.

Tabela II

Proporção entre o número das crianças de 0 a 9 anos e o
número das mulheres de 15 a 49 anos

PAÍS (a)	ANO (b)	POPULAÇÃO PRESENTE		1 000 (d) (c)
		Mulheres de 15 a 49 anos (c)	Homens e Mulheres de 0 a 9 anos (d)	(e)
Costa Rica	1955	225 032	304 252	1 352
El Salvador	1950	463 900	539 232	1 162
Guatemala	1950	676 340	850 659	1 258
Honduras	1950	323 641	393 448	1 216
México	1950	6 346 796	7 644 584	1 204
Nicarágua	1959	336 058	472 688	1 406
Panamá	1950	176 343	229 166	1 300
Cuba	1953	1 466 567	1 449 800	989
Haiti	1950	819 832	775 390	946
Jamaica	1953	390 089	402 163	1 031
Pôrto Rico	1950	505 255	684 549	1 355
República Dominicana.	1950	501 735	673 606	1 343
Trinidad e Tobago ...	1959	183 750	251 000	1 366
Argentina	1956	5 094 580	4 182 017	821
Bolívia	1950	676 943	804 833	1 189
Brasil	1950	12 826 011	15 386 407	1 200
Chile	1952	1 508 007	1 558 116	1 033
Colômbia	1951	2 711 146	3 436 448	1 268
Equador	1950	756 834	988 257	1 306
Paraguai	1950	313 714	413 827	1 319
Peru	1955	2 026 216	2 841 450	1 402
Venezuela	1950	1 192 416	1 535 066	1 287

Antes de examinar êsses resultados, cumpre lembrar que eles não podem estar em correlação perfeita com as taxas de fecundidade geral, porque o número das mulheres em idade fértil na data do censo difere, em geral para mais, do correspondente número médio no decênio anterior à data do censo, e o número das crianças de 0 a 9 anos nesta data fica inferior ao dos nascidos durante êsse decênio, não incluindo os já falecidos e ficando ainda alterado pelos movimentos migratórios (em geral, porém, muito escasos nessas idades).

As razões calculadas devem ser, portanto, consideradas índices, e não medidas, da fecundidade feminina⁶.

Na tabela II figuram vinte e dois países, não estando entre eles incluído, por falta de dados, o Uruguai, que figura na tabela I, e estando incluídos Cuba, o Haiti e o Paraguai, que não figuram na anterior pela mesma razão.

A proporção entre as crianças de 0 a 9 anos e as mulheres de 15 a 49 anos é muito elevada na maior parte dos países latino-americanos, excedendo 1 200 por 1 000 em quatorze dos vinte e dois considerados, e atingindo êste valor num outro (Brasil). Os valores mais elevados, de 1 406 e 1 402 por 1 000, verificam-se respectivamente, na Nicarágua e no Peru; seguem-se, com valores entre 1 366 e 1 300 por 1 000, Trinidad e Tobago, Pôrto Rico, Costa Rica, a República Dominicana, o Paraguai, o Equador e o Panamá; e, com valores entre 1 287 e 1 200 por 1 000, a Venezuela, a Colômbia, a Guatemala, Honduras, o México e o Brasil. Dêstes quinze países, onze figuram na tabela I com taxas de natalidade muito elevadas, superiores a 40 por 1 000 habitantes, de modo que a indicação dos dados censitários concorda com a das estatísticas dos nascimentos (Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Brasil, Colômbia, Equador e Venezuela). Os dados censitários revelam um nível muito elevado da natalidade também no Paraguai, para o qual não se tornara possível o cálculo da respectiva taxa, e para o Peru, cuja taxa de natalidade aparente de 35 por 1 000 habitantes deve estar bem abaixo da efetiva. É diferente o caso de Trinidad e Tobago e de Pôrto Rico, países onde as taxas de mortalidade infantil são relativamente baixas, de modo que a proporção das crianças sobreviventes na data do censo fica relativamente alta; acrescento-se que em Pôrto Rico a taxa de natalidade de apenas 32,6 por 1 000 habi-

6 Podem dar uma idéia da influência das circunstâncias especificadas no texto os seguintes dados referentes ao México. Neste país, o número médio anual dos nascidos vivos no decênio anterior ao censo de 1950 ascendeu a cerca de 990 000; o número médio anual das mulheres de 15 a 49 anos, a 5 500 000. Calcula-se, portanto, em 180 por 1 000 a taxa de fecundidade geral.

Na data do censo de 1950, sobreviviam no México 7 645 000 dos 9 900 000 nascidos no decênio anterior, isto é, 764 500 em média anual; o número das mulheres de 15 a 49 anos subira para 6 347 000. A razão entre os dois últimos números dá, como índice da fecundidade, 120 por 1 000, enquanto, como consta do cálculo anterior, a medida da fecundidade média anual do decênio é 180 por 1 000.

Na tabela II, a proporção ao número das mulheres é calculada pela soma, e não, como no exemplo agora exposto, pela média dos números das crianças sobreviventes nos diferentes anos do primeiro decênio de idade. Para o México, ela resulta igual a 1 204 por 1 000.

tantes verificada no período 1957-59 e especificada na tabela I fica muito inferior, em virtude da rápida difusão do costume da limitação voluntária da prole, à de 40,3 por 1 000, média do decênio anterior ao censo de 1950, da qual depende a proporção calculada na tabela II.

Entre os países com proporções de crianças de 0 a 9 anos por 1 000 mulheres de 15 a 49 inferiores a 1 200 mas superiores a 1 000, encontram-se a Bolívia e El Salvador, cujas taxas de natalidade efetivas excedem 40 por 1 000 habitantes, e o Chile e Jamaica, com taxas de natalidade menores; no Chile é, também, elevada a mortalidade infantil.

As proporções mais baixas de crianças por 1 000 mulheres observam-se em Cuba (989), no Haiti (946), e na Argentina (821), em correspondência a níveis menos elevados da natalidade nos primeiros dois países, e relativamente baixo no terceiro. Para Cuba e o Haiti faltam dados sobre a taxa de natalidade, e apenas pelos censos tem-se indício do nível moderado dela; cumpre, porém, lembrar que, especialmente no Haiti, a mortalidade infantil muito elevada contribui para reduzir o número das crianças sobreviventes.

Na maior parte dos países latino-americanos, a proporção entre crianças e mulheres atinge níveis bem superiores aos que predominam nos demais países de civilização ocidental: menos baixos, estes, na América Anglo-saxônica (1 018 por 1 000 no Canadá e 932 nos Estados Unidos, em 1959) do que na Europa (Suíça 625 e Suécia 636 por 1 000, em 1958; Espanha 632, em 1950; Portugal 773, em 1959⁷).

A análise dos dados censitários confirma, portanto, a existência de níveis de natalidade muito elevados na maior parte dos países latino-americanos.

* * *

6. A discriminação dos nascidos vivos segundo a idade da mãe, que se encontra nas estatísticas dos nascimentos, está, em geral, longe da perfeição nos países da América Latina.

Ela fica incompleta, em primeiro lugar em consequência das lacunas no registro dos nascimentos, e em segundo lugar por não ser conhecida a idade das mães de uma parte dos nascidos registrados. Parece provável que ambas essas formas de omissão ocorram mais freqüentemente nos casos de nascimentos ilegítimos, afetando, logo, em maior proporção os grupos de idade juvenis das mães.

7 Nos países europeus que participaram da segunda guerra mundial, a proporção entre crianças e mulheres verificada nos censos de 1950 ou anos próximos fica mais reduzida em consequência da queda da natalidade ocorrida no período bélico, descendo para 531 por 1 000 na Alemanha Ocidental em 1950, para 544 na França em 1946, para 620 na Inglaterra e Gales e para 660 na Itália em 1951.

Faltam elementos para se tentar uma estimativa do número dos nascimentos não registrados e da respectiva distribuição segundo as idades das mães.

Quanto aos nascimentos registrados, mas não classificados segundo a idade da mãe por falta de informação, pareceu conveniente, para o cálculo de taxas de fecundidade por grupos de idade, distribuí-los entre os diferentes grupos proporcionalmente aos números dos nascimentos nêles classificados, não se tendo elementos suficientes para uma distribuição mais racional. Aliás, na maior parte dos países, êstes nascimentos representam apenas uma pequena fração do total dos registrados; a respectiva proporção excede 2% apenas em sete dos dezoito países para os quais foram calculadas as taxas de fecundidade por grupos de idade, atingindo 2,1% em El Salvador, 4,5% no Equador, 4,9% em Pôrto Rico, 10,5% na Argentina e na Nicarágua, 12,7% na Colômbia e 15,4% na Bolívia.

Outro fator de imprecisão consiste nos erros, voluntários ou involuntários, ocorridos nas declarações de idade das mulheres, seja na ocasião do censo, seja na do registro do nascimento de filhos. Os erros involuntários, devidos principalmente à ignorância, causam fortes concentrações nas idades múltiplas de 10 e concentrações menores nas múltiplas de 5 e em algumas das múltiplas de 2; e o grupamento quinquenal reduz mas não anula a influência dêstes erros⁸.

Dependem, também, em geral, da ignorância as declarações de idades de 50 anos e mais na data do nascimento dos filhos, da parte de mulheres que efetivamente ainda não atingiram o quinquagésimo aniversário. Os erros voluntários verificam-se principalmente no sentido do rejuvenescimento, pela declaração de idades inferiores às efetivas⁹.

Mesmo se êstes erros se manifestassem em sentidos e em proporções iguais nas declarações censitárias e nas relacionadas com os nascimentos (o que é duvidoso), a sua influência sobre as taxas de fecundidade não ficaria neutralizada. A inclusão de mulheres mais velhas, e logo menos fecundas, nos grupos de idade juvenis tende a tornar

8 Por exemplo, entre as mulheres que declararam idades de 15 a 44 anos no censo mexicano de 1950, 174 por 1 000 declararam idades com algarismo final 0, enquanto apenas 46 e 78, respectivamente declararam idades com algarismos finais 1 e 9. Proporções relativamente elevadas correspondem aos algarismos 5 e 8: respectivamente, 156 e 129 por 1 000; proporções progressivamente menores, aos algarismos 6 (103), 2 (91), 7 (89), 3 (69), 4 (65).

9 Dá indício da presença e da medida dos erros de rejuvenescimento a marcha da proporção aparente entre mulheres e homens, que atinge valores elevados nas idades mais juvenis, onde a proporção efetiva deve estar mais baixa em consequência da menor frequência de nascimentos femininos, enquanto diminui fortemente nas idades seguintes, onde a proporção efetiva, pelo contrário, aumenta em consequência da menor frequência de óbitos femininos.

Por exemplo, no Brasil, em 1950, verificavam-se as elevadas proporções aparentes de 1 081 e de 1 093 mulheres para 1 000 homens nos grupos de 15 a 19 e de 20 a 24 anos; a proporção já menos elevada de 1 035 por 1 000 no grupo de 25 a 29 anos; e as progressivamente decrescentes de 1 001, 995, 946 e 941 por 1 000 nos grupos de 30 a 34, 35 a 39, 40 a 44 e 45 a 49 anos. A marcha da proporção aparente marca uma tendência oposta à que caracteriza a marcha da proporção efetiva.

a fecundidade aparente destes grupos menor do que a efetiva; de outro lado, a maior proporção de casadas ou amasiadas entre essas mulheres tende a influir no sentido oposto. Falta qualquer base para uma tentativa de discriminação do efeito resultante destas influências.

* * *

7. As falhas e as imprecisões dos dados referentes à distribuição dos nascidos vivos segundo a idade da mãe exercem influências não desprezíveis no cálculo das taxas de fecundidade por grupos de idade das mulheres, na maior parte dos países latino-americanos.

Fica, entretanto, bastante instrutivo o exame dessas taxas, especialmente levando-se em conta a circunstância de que em geral elas estão erradas por falta, isto é, ficam inferiores às taxas efetivas.

Os elementos e os resultados do cálculo das taxas de fecundidade por grupos de idade constam da tabela XII, em apêndice do presente estudo, para cada um dos dezoito países que fornecem dados sobre o assunto. Os mesmos resultados estão expostos, em forma apropriada para a comparação internacional, na tabela III a; dados paralelos para outros países de civilização ocidental constam da tabela III b.

Antes de se iniciar o exame desses dados, tornam-se convenientes duas advertências.

A primeira concerne aos nascimentos procedentes de mulheres em idade inferior a 15 anos. A frequência destes consta da tabela XII, mas não foi incluída nas III a e b, sendo, em geral, desprezível. Nos dezoito países latino-americanos, ela varia entre os mínimos de 0,3 e 0,4 por 1 000 na República Dominicana e na Colômbia e os máximos de 1,4 e 2,1 por 1 000 no Chile e no Panamá. Cumpre entretanto, observar que para uma fração relativamente elevada dos filhos de mulheres destas idades não fica registrado o nascimento ou não é apurada a idade da mãe, tratando-se de ilegítimos abandonados ou não reconhecidos por ela, de modo que as taxas de fecundidade efetivas devem ser bem maiores do que as aparentes.

A segunda advertência concerne ao cálculo da taxa de fecundidade para o grupo de 45 a 49 anos de idade. Sendo de fato muito raros os partos de mulheres de 50 anos e mais, foram incluídos entre os nascidos de mães do referido grupo também os poucos para os quais foram declaradas, amiúde erroneamente, idades de 50 anos e mais¹⁰.

10 Este critério, adotado também pelo Serviço de População das Nações Unidas, tende, em geral, a determinar valores superiores aos efetivos da taxa de fecundidade das mulheres de 45 a 49 anos, porque algumas das declaradas de 50 anos ou mais (como também, aliás, algumas das declaradas em idades de 45 a 49 anos) estão efetivamente em idades inferiores a 45 anos. Mas o critério aplicado permite levar em conta para a apreciação da fecundidade um contingente não desprezível de nascidos, que ficaria muito difícil distribuir com maior precisão, por estimativa, segundo as idades efetivas das mães.

Com efeito, entre os nascidos vivos de mães em idade declarada de 45 anos e mais, os filhos de mães declaradas de 50 anos e mais constituem 21,6%, nos períodos considerados na tabela III a, no conjunto de doze países latino-americanos que os discriminam, enquanto, nos períodos considerados na tabela III b, a proporção correspondente atinge apenas 1,6% no conjunto dos dois países da América Anglo-saxônica e 1,3% no conjunto de sete países europeus (subindo para 19,3% no oitavo, a Espanha, onde, pelo baixo nível cultural, se verificam freqüentes erros nas declarações de idade).

Tabela III a

Taxas de fecundidade feminina por grupos quinquenais de idade*a. Países da América Latina

PAÍS	NASCIDOS VIVOS (MÉDIA ANUAL) POR 1 000 MULHERES EM IDADE DE ANOS						
	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49
Costa Rica	115,8	313,5	311,5	262,6	214,0	79,4	14,4
El Salvador	129,1	275,2	305,3	243,7	161,3	54,6	18,5
Guatemala	144,0	270,8	307,1	283,4	188,1	75,1	25,2
Honduras	127,7	261,0	288,3	231,4	158,7	59,2	16,1
México	107,9	288,8	298,4	264,1	159,3	52,3	15,1
Nicarágua	127,9	319,9	287,9	178,5	141,5	48,5	12,1
Panamá	148,0	291,6	259,3	176,0	114,0	40,2	8,9
Jamaica	123,0	264,0	235,6	156,3	91,6	36,1	5,5
Pôrto Rico	99,2	237,1	198,5	156,2	113,2	56,4	13,2
Rep. Dominicana .	83,5	244,5	300,3	229,1	143,2	79,8	22,8
Trinidad e Tobago	146,6	319,9	255,0	190,5	116,0	35,7	4,8
Argentina	57,0	153,1	176,9	121,5	76,2	32,2	3,5
Bolívia	48,8	195,5	228,1	190,5	136,4	80,1	49,3
Brasil*	80,0	254,0	275,0	225,0	167,0	110,0	47,0
Chile	71,7	174,2	239,0	191,2	119,2	63,5	15,7
Colômbia	83,5	247,6	299,9	245,3	176,9	74,3	27,3
Equador	94,2	295,3	326,8	254,1	183,8	78,6	29,6
Peru	69,7	229,6	276,2	205,8	157,5	60,1	23,5
Venezuela	120,5	277,0	300,8	230,0	157,9	64,4	31,6

* Taxas calculadas pelo autor, com base nos dados do Annuaire démographique das NAÇÕES UNIDAS, exceto para o Brasil (estimativas do autor baseadas no censo de 1950). Os períodos de observação estão especificados na tabela XII.

Para o cálculo das taxas foram cindidos por grupos quinquenais os dados por grupos decenais da Argentina (20 a 29, 30 a 39, 40 a 49) e do México (40 e mais).

Tabela III b

Taxas de fecundidade feminina por grupos quinquenais de idade*

b. Outros países de civilização ocidental

PAÍS	NASCIDOS VIVOS (PROPORÇÃO ANUAL) POR 1 000 MULHERES EM IDADE DE ANOS						
	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49
Canadá	59,2	225,0	224,7	148,0	88,9	28,7	2,6
Estados Unidos ..	94,6	254,8	198,4	116,6	59,8	15,7	1,0
Alemanha Ocidental	11,6	131,7	146,8	99,5	56,6	12,2	1,2
Espanha	7,7	82,3	155,2	125,1	85,3	33,4	5,5
França	21,0	154,8	174,7	108,4	61,4	17,1	1,7
Inglaterra e Gales	29,6	152,6	157,3	91,4	46,5	12,2	0,8
Itália	15,7	101,7	141,0	110,7	72,2	29,3	2,7
Portugal	27,4	139,6	163,8	128,9	100,7	43,9	5,3
Suécia	38,4	133,7	136,8	87,0	44,4	13,6	1,0
Suíça	15,3	120,4	151,7	105,1	56,9	17,5	1,3

* Dados para o ano de: 1950, Espanha; 1951, Itália; 1957, Estados Unidos, Inglaterra e Gales, Suécia; 1958, os outros países.

Taxas calculadas pelo Serviço de População das Nações Unidas, levemente retificadas pelo autor para a Espanha e a França, a fim de incluir os nascidos falecidos nas primeiras 24 horas após o nascimento (Esp.) ou antes do registro do nascimento (Fr.).

Iniciando-se o exame comparativo das tabelas III a e III b pelo grupo de idade de 20 a 24 anos, observa-se que na maior parte dos países latino-americanos a respectiva taxa aparente de fecundidade, embora amiúde inferior à efetiva, atinge níveis bem elevados, excedendo 100 por 1 000 mulheres em dez dos dezanove países incluídos na tabela III a, e alcançando máximos de 148 (Panamá), 147 (Trinidad e Tobago) e 144 (Guatemala), e valores entre 129 e 108 em El Salvador, na Nicarágua, em Honduras, em Jamaica, na Venezuela, em Costa Rica e no México. Valores de 99 a 80 por 1 000 verificam-se em Porto Rico, no Equador, na República Dominicana, na Colômbia e no Brasil. As taxas mais baixas, respectivamente de 72 e 57 por 1 000, do Chile e da Argentina, refletem níveis de fecundidade efetivamente menos elevados; mas as de 70 e 49 por 1 000, do Peru e da Bolívia, devem estar bem abaixo dos valores efetivos (embora na Bolívia pareça ser efetivamente menos freqüente do que em outros países o início da proliferação nas idades mais juvenis).

Comparando as taxas latino-americanas com as dos outros países de civilização ocidental incluídos na tabela III b, nota-se que a mais elevada destas, a dos Estados Unidos, de 95 por 1 000, embora excedendo fortemente as demais, entre as quais a maior é a de 59 por 1 000 do Canadá, fica muito inferior aos níveis predominantes na América Latina. Ainda mais distanciam-se destes as taxas dos países europeus, que variam entre o máximo de 38 por 1 000 na Suécia e o mínimo de 8 por 1 000 na Espanha.

Fica bem claro, portanto, apesar das imperfeições dos dados, que um dos fatores da elevada natalidade latino-americana consiste no freqüente início precoce da atividade reprodutora da mulher.

No grupo de idade de 20 a 24 anos, a taxa de fecundidade sobe fortemente, e excede 250 por 1 000 em doze dos dezanove países da América Latina, marcando os máximos de 320 na Nicarágua e em Trinidad e Tobago, e de 314 em Costa Rica, e atingindo valores entre 295 e 254 no Equador, no Panamá, no México, na Venezuela, em El Salvador, na Guatemala, em Jamaica, em Honduras e no Brasil. Valores ainda elevados, de 248 a 230 por 1 000, observam-se na Colômbia, na República Dominicana, em Porto Rico e no Peru; valores nitidamente menores, na Bolívia (196, dado fortemente incompleto), no Chile (174) e na Argentina (153).

Entre os países incluídos na tabela III b, marcam taxas relativamente elevadas, embora bem inferiores às mais freqüentes na América Latina, os Estados Unidos (255 por 1 000) e o Canadá (225), enquanto os máximos europeus (155 por 1 000 na França e 153 na Inglaterra e Gales) apenas atingem o nível do mínimo latino-americano, e o mínimo europeu desce para 82 por 1 000 (Espanha).

Também nestas idades juvenis, a atividade reprodutora é exercida com intensidade bem elevada na maior parte da América Latina¹¹.

Passando-se para o grupo de idade de 25 a 29 anos, vê-se ainda subir a taxa de fecundidade em treze dos dezenove países latino-americanos, descendo nos demais. Em quatorze destes a taxa excede 250 por 1 000 mulheres, atingindo o máximo de 327 no Equador, os valores, ainda muito elevados, de 312 em Costa Rica, 307 na Guatemala, 305 em El Salvador, 301 na Venezuela, 300 na República Dominicana e na Colômbia, e valores entre 298 e 255 no México, em Honduras, na Nicarágua, no Peru, no Brasil, no Panamá e em Trinidad e Tobago. Taxas sensivelmente menores observam-se no Chile (239) e em Jamaica (236), e taxas relativamente baixas em Porto Rico (199) e na Argentina (177).

Mesmo este mínimo da Argentina excede o máximo verificado nos países europeus incluídos na tabela III b (175 por 1 000 da França), onde o mínimo desce para 137 (Suécia). Valores bem mais elevados, mas muito inferiores aos predominantes na América Latina, encontram-se nos dois países da América Anglo-saxônia: 199 por 1 000 nos Estados Unidos e 225 no Canadá.

Torna-se geral a descida da taxa de fecundidade no grupo de 30 a 34 anos; ela ainda excede, todavia, 200 por 1 000 em onze dos dezenove países latino-americanos, marcando o máximo de 283 por 1 000 na Guatemala e atingindo valores entre 264 e 254 no México, em Costa Rica e no Equador, e valores entre 245 e 206 na Colômbia, em El Salvador, em Honduras, na Venezuela, na República Dominicana, no Brasil e no Peru. Verificam-se taxas entre 191 e 156 por 1 000 no Chile, em Trinidad e Tobago, na Bolívia, na Nicarágua, no Panamá, em Jamaica e em Porto Rico. Em último lugar acha-se a Argentina, com a taxa de 122 por 1 000.

Mesmo este mínimo latino-americano fica apenas levemente inferior aos máximos dos países europeus incluídos na tabela III b (129, Portugal; 125, Espanha), onde o mínimo desce para 87 (Suécia), e excede a taxa estadunidense de 117 por 1 000, embora ficando nitidamente inferior à canadense (148).

Acelera-se, na passagem para o grupo de 35 a 39 anos, a descida da taxa de fecundidade, que, porém, ainda excede 150 por 1 000 em dez dos dezenove países latino-americanos, atingindo o máximo de 214 em Costa Rica e valores entre 188 e 158 na Guatemala, no Equador, na Colômbia, no Brasil, em El Salvador, no México, em Honduras, na

¹¹ É possível que os erros de rejuvenescimento nas declarações de idade das mães contribua, em alguns países, para determinar o alto nível das taxas de fecundidade nas idades mais moças. Cumpre, porém, lembrar que no cálculo destas taxas os referidos erros tendem a ficar atenuados ou eliminados pela presença de erros do mesmo tipo nos dados censitários. Pode até acontecer, se a frequência dos erros de rejuvenescimento for maior nos dados do censo do que nos da estatística dos nascimentos, que as taxas aparentes resultem menores do que as efetivas.

Venezuela e no Peru. Valores menores, entre 113 e 113 por 1 000, verificam-se na República Dominicana, na Nicarágua, na Bolívia, no Chile, em Trinidad e Tobago, no Panamá e em Porto Rico. Os valores mínimos são os de Jamaica (92) e da Argentina (76).

Nestas idades, as taxas predominantes na América Latina destacam-se ainda mais do que nas anteriores dos níveis verificados na maior parte dos outros países de civilização ocidental, onde a limitação voluntária da prole contribui para abaixá-los. Nos Estados Unidos a taxa de fecundidade das mulheres de 35 a 39 anos atinge apenas 60 por 1 000; no Canadá, sobe para 89; nos países europeus da tabela III b, chega ao máximo de 101 em Portugal, mas desce até os mínimos de 47 na Inglaterra e Gales e de 44 na Suécia.

A queda da fecundidade ao subir da idade prossegue cada vez mais rápida no último decênio do período fértil da vida da mulher.

No grupo de 40 a 44 anos (excluindo-se o Brasil, cujos dados, estimados indiretamente, talvez estejam errados por excesso neste grupo e no seguinte), os níveis mais elevados da taxa de fecundidade, nos países latino-americanos, são da ordem de 80 a 74 por 1 000 (Bolívia, República Dominicana, Costa Rica, Equador, Guatemala, Colômbia). Em sete outros países (Venezuela, Chile, Peru, Honduras, Porto Rico, El Salvador e México) verificam-se taxas de 64 a 52 por 1 000. Abaixo de 50 por 1 000, encontram-se a Nicarágua com 49, o Panamá com 40, Jamaica com 36, Trinidad e Tobago com 36 e a Argentina com 32.

Neste grupo de idade, o próprio mínimo da Argentina excede as taxas do Canadá (29 por 1 000) e dos Estados Unidos (16), ficando nitidamente inferior ao máximo verificado nos países europeus da tabela III b (44, em Portugal), mas muito superior aos mínimos (12, na Alemanha Ocidental e na Inglaterra e Gales).

Nos países de alta natalidade da América Latina a fecundidade nas idades de 40 a 44 anos mantém-se relativamente elevada em comparação com os demais países de civilização ocidental, onde ela cai para níveis muito baixos.

Ainda no grupo de 45 a 49 anos, verificam-se em oito países da América Latina taxas de fecundidade superiores a 20 por 1 000. Mesmo prescindindo-se da Bolívia, cujo dado parece exagerado, e do Brasil, cujo dado foi calculado indiretamente, encontram-se valores de 32 e de 30 por 1 000, respectivamente, na Venezuela e no Equador, de 27 na Colômbia, de 25 na Guatemala, de 24 no Peru e de 23 na República Dominicana. Em outros sete países, verificam-se taxas de 19 a 12 por 1 000 (El Salvador, Honduras, Chile, México, Costa Rica, Porto Rico, Nicarágua). Ficam abaixo de 10 por 1 000 somente as taxas para o Panamá (9), Jamaica (5), Trinidad e Tobago (5) e a Argentina (abaixo de 4).

Apenas secundariamente os altos níveis da maior parte das taxas latino-americanas no grupo de 45 a 49 anos podem depender de erros de envelhecimento nas declarações.

rações de idade e da inclusão neste grupo dos nascimentos atribuídos nas estatísticas originais a mulheres de 50 anos e mais, como também de uma fração dos precedentes de mulheres de idade ignorada (influem, aliás, em sentido oposto, as lacunas do levantamento dos nascimentos). Em grande parte, senão totalmente, êsses altos níveis correspondem à realidade. Aparecem muito baixas, comparativamente, as taxas de fecundidade do mesmo grupo de idade calculadas na tabela III b: com máximos de pouco mais de 5 por 1 000 (Espanha, Portugal) e com mínimo inferior a 1 por 1 000 (0,8 Inglaterra e Gales) nos países europeus, e com valores bem baixos também no Canadá (abaixo de 3) e nos Estados Unidos (1 por 1 000).

Para ressaltar as características da marcha da fecundidade em função da idade nos países latino-americanos de alta natalidade, as taxas calculadas para quatro dêstes - Costa Rica, Equador, México e Venezuela - foram comparadas com as dos Estados Unidos e com as da Alemanha Ocidental, mediante números índices, na tabela IV. Nos Estados Unidos a idade média inicial da atividade reprodutora da mulher é relativamente baixa, na Alemanha Ocidental relativamente elevada; a proporção das mulheres que não participam da atividade reprodutora é relativamente baixa no primeiro país, elevada no segundo; a limitação voluntária da prole é larga e intensamente praticada em ambos os países.

Tabela IV

Números índices das taxas de fecundidade feminina por grupos de idade,
de alguns países latino-americanos, em relação às dos
Estados Unidos e da Alemanha Ocidental*

PAÍS	IDADE DAS MULHERES: ANOS						
	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49
1. Números índices (taxas dos Estados Unidos = 100)							
Costa Rica	122	123	157	225	358	506	1 440
Equador	100	116	165	218	307	501	2 960
México	114	113	150	227	266	333	1 510
Venezuela	127	109	152	197	264	410	3 160
Pôrto Rico	105	93	100	134	189	359	1 320
Argentina	60	60	89	104	127	205	350
2. Números índices (taxas da Alemanha Ocidental = 100)							
Costa Rica	998	238	212	264	378	651	1 200
Equador	812	224	223	255	325	644	2 467
México	930	219	203	265	281	429	1 252
Venezuela	1 039	210	205	231	279	528	2 633
Pôrto Rico	855	180	135	157	200	462	1 100
Argentina	491	116	121	122	135	264	292

* As taxas dos países latino-americanos aproveitadas no cálculo dos números índices constam da tabela III a; as dos Estados Unidos e da Alemanha Ocidental, da III b.

Nos dois primeiros lustros do período fértil, isto é, de 15 a 19 e de 20 a 24 anos, a fecundidade nos quatro países latino-americanos não é muito maior do que a nos Estados Unidos. No grupo de 15 a 19 anos, os respectivos números índices variam de 100 a 127; no de 20 a 24 anos, de 109 a 123. Já no grupo de 25 a 29 anos, as taxas de fecundidade dos quatro países latino-americanos excedem da metade e mais a dos Estados Unidos, variando os números índices entre 150 e 165; e no grupo de 30 a 34 anos, as primeiras ficam duplas da segunda, variando os números índices entre 197 e 227. Intensificando-se cada vez mais, ao subir da idade, a limitação voluntária da prole nos Estados Unidos, enquanto nos países latino-americanos aqui considerados ela é apenas esporadicamente praticada, acentua-se progressivamente a superioridade das taxas destes países, passando os números índices para valores de 264 a 358 no grupo de 35 a 39 anos e de 333 a 506 no de 40 a 44 anos. Os valores muito mais elevados dos números índices para o grupo de 45 a 49 anos podem em parte depender das circunstâncias, anteriormente referidas, que tendem a levar acima do nível real o nível aparente das taxas para este grupo, mas decerto em parte refletem uma fecundidade efetiva muito maior.

A comparação efetuada na tabela IV foi estendida a Porto Rico, onde a limitação voluntária da prole teve considerável difusão nos anos mais recentes, e a Argentina, onde ela parece já estar largamente praticada. Em Porto Rico, nos grupos de idade de 15 a 29 anos verificam-se taxas próximas das estadunidenses; mas, a partir do grupo de 30 a 34 anos, encontram-se taxas relativamente maiores em grau crescente, subindo os números índices de 134 nesse grupo até 359 no de 40 a 44 anos. E mesmo na Argentina, onde a idade média inicial da atividade reprodutora da mulher é mais elevada do que nos Estados Unidos, como atestam as taxas de fecundidade muito menores que se observam na república sulamericana nos grupos de idade de 15 a 19 e de 20 a 24 anos, já no grupo de 25 a 29 anos a inferioridade diminui, e a partir do de 30 a 34 anos os números índices excedem 100, subindo para 205 no grupo de 40 a 44 anos.

As taxas de fecundidade da Alemanha Ocidental são muito baixas, em comparação com as dos Estados Unidos, nas idades mais juvenis; ao subir da idade, a sua inferioridade relativa diminui progressivamente, e no grupo de 45 a 49 anos verifica-se leve superioridade. Logo, os números índices da fecundidade latino-americana ficam mais elevados na referência a Alemanha Ocidental do que na aos Estados Unidos, sobretudo nos grupos de idade mais juvenis: no de 15 a 19 anos eles variam entre 812 e 1 039 para os quatro países de fecundidade mais elevada; no de 20 a 24 anos, entre 210 e 238. Após leve diminuição no grupo de 25 a 29 anos, esses números índices sobem progressivamente, até atingirem valores entre 429 e 651 no grupo de 40 a 44 anos. A própria Argentina, país de fertilidade muito baixa no quadro latino-americano, apresenta taxas maiores do que as da Alemanha Ocidental, o respectivo número índice alcançando 594 no grupo de 15 a 19 anos, caindo para 116 no de 20 a 24 e depois subindo gradualmente até 264 no de 40 a 44 anos. O número índice de Porto Rico, após descer de 855 no grupo de 15 a 19 anos para 135 no de 25 a 29, sobe para 462 no grupo de 40 a 44 anos.

Torna-se evidente, pelas análises comparativas efetuadas no presente parágrafo, que o nível muito elevado atingido pela natalidade na maior parte dos países latino-americanos é devido ao início precoce da atividade reprodutora da mulher e à sua continuação em intensidade elevada, embora decrescente nas idades menos juvenis, naquelas fases do período fértil da vida da mulher em que a fecundidade cai muito mais rapidamente em outros países de civilização ocidental, por efeito da limitação voluntária da prole.

* * *

8. A soma das taxas de fecundidade por grupos quinquenais de idade, calculadas na tabela XII¹², multiplicada por 5, dá a taxa cumulativa de fecundidade feminina desde o início e até o fim do período fértil. Essa taxa¹³ representa o número dos filhos nascidos vivos que teriam tido até a idade final deste período 1 000 mulheres nela sobreviventes.

Por exemplo, para Costa Rica, sendo igual a 1 312 a soma das taxas quinquenais, calcula-se em 6 560 a taxa cumulativa, que corresponde à média de 6 a 7 filhos por mulher.

Constam da tabela V as taxas cumulativas assim calculadas, seja para os países latino-americanos da tabela III a, seja para os outros países de civilização ocidental da tabela III b. Por simplicidade, as taxas estão referidas a 100 mulheres, em vez de 1 000; logo, para Costa Rica, encontra-se 656, em vez de 6 560 calculado acima. Em cada seção da tabela os países estão dispostos segundo a ordem decrescente das respectivas taxas.

12 Na soma foram incluídas as taxas para as idades de 10 a 14 anos, para completar o quadro da fecundidade.

13 Imprópriamente denominada "taxa bruta de reprodução".

Tabela V

Taxas cumulativas de fecundidade feminina até o fim do período fértil*

PAÍS	TAXA CUMULATIVA DE FECUNDIDADE POR 100 MULHERES	PAÍS	TAXA CUMULATIVA DE FECUNDIDADE POR 100 MULHERES
Costa Rica	656	Jamaica	457
Guatemala	648	Chile	438
Equador	632	Pôrto Rico	437
El Salvador	594	Argentina	311
México	593	Canadá	389
Venezuela	592	Estados Unidos	371
Colômbia	578	Portugal	305
Honduras	572	França	270
Nicarágua	559	Espanha	247
República Dominicana ..	552	Inglaterra e Gales	245
Trinidad e Tobago	535	Itália	237
Panamá	520	Suíça	234
Peru	511	Alemanha Ocidental	230
Bolívia	465	Suécia	227

* Os períodos a que se referem as taxas constam da tabela XII para os países latino-americanos e da nota à tabela III b para os outros.

Cumpre lembrar que, em consequência das falhas das estatísticas dos nascimentos, as taxas cumulativas aparentes calculadas na tabela V ficam, para alguns países, fortemente inferiores às efetivas: assim, especialmente, para o Peru e a Bolívia.

Os valores mais elevados da proporção dos filhos tidos nascidos vivos no curso do período fértil excedem 600 por 100 mulheres (isto é, em média, 6 por mulher) em Costa Rica, na Guatemala e no Equador, e ficam apenas levemente inferiores a este nível em El Salvador, no México e na Venezuela. Excedem 550 por 100 mulheres, também, as taxas do Brasil (579; esta taxa, calculada indiretamente com base no censo de 1950, não figura na tabela), da Colômbia, de Honduras, da Nicarágua e da República Dominicana. Além destes onze países, três outros (Trinidad e Tobago, Panamá e Peru) apresentam taxas superiores a 500 por 100 mulheres; ficam abaixo deste valor somente as taxas para a Bolívia (465, errada por falta, como, aliás, a do Peru), Jamaica (457), o Chile (438), Porto Rico (437) e a Argentina (311). A taxa argentina, apenas levemente errada por falta, fica inferior à metade das dos países mais prolíficos da América Latina.

Níveis ainda mais baixos verificam-se nos países europeus incluídos na comparação, com o máximo de 305 por 100 mulheres em Portugal e os mínimos de 230 na Alemanha Ocidental e 227 na Suécia, que correspondem a cerca de um terço dos máximos latino-americanos. Nitidamente maiores, mas ainda bem baixas em comparação com a maior parte das da América Latina, são as taxas para os Estados Unidos e o Canadá (respectivamente, 371 e 389 por 1 000).

O exame das taxas cumulativas de fecundidade confirma, na visão de conjunto, os resultados das análises anteriores, efetuadas por grupos de idade das mulheres.

9. Outras informações sôbre um aspecto particular da natalidade, isto é, o da prolificidade, podem ser deduzidas das estatísticas dos nascimentos e das apurações dos censos demográficos.

As estatísticas dos nascimentos de vários países discriminam os nascidos vivos segundo o respectivo número de ordem (a respeito da mãe). Nem sempre a discriminação chega a ser completa, pois que em alguns países fica ignorado o número de ordem de uma fração não desprezível dos nascidos. Nem sempre ela fica precisa, porque, até nas declarações do número de ordem do filho recém-nascido ocorrem erros voluntários, especialmente quando a mulher não inclui na contagem filhos tidos antes ou fora da união conjugal, e preferências para determinados algarismos, quando o declarante está incerto sôbre o número efetivo dos filhos anteriormente tidos pela mulher. Acrescente-se que em alguns países são incluídos os nascidos mortos anteriores, para a determinação do número de ordem do nascido vivo atual, enquanto em outros êles são excluídos (veja-se a nota à tabela VI); esta divergência, também, afeta a comparabilidade dos dados.

Apesar dessas falhas, torna-se útil, para o fim do presente estudo, o exame dos dados referentes a onze países latino-americanos, que constam da tabela VI.

Tabela VI

Nascidos vivos segundo o número de ordem*
Proporções por 10 000

PAÍS	ANO	NÚMERO DE ORDEM										TOTAL
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10 e mais	
Costa Rica	1958	1 689	1 511	1 336	1 178	981	795	631	514	393	972	10 000
El Salvador	1958	2 278	1 731	1 529	1 242	976	762	519	358	251	354	10 000
Guatemala	1958	2 218	1 767	1 613	1 315	1 005	748	488	350	203	293	10 000
México	1957	2 177	1 875	1 617	1 301	982	758	519	372	234	165	10 000
Panamá	1958	1 995	1 740	1 519	1 228	1 011	770	570	408	295	464	10 000
Pôrto Rico	1957	2 163	1 999	1 432	1 017	755	605	523	379	341	786	10 000
Rep. Dominicana .	1958	2 083	1 545	1 612	1 261	1 015	719	567	375	268	555	10 000
Trinidad e Tobago	1957	1 883	1 717	1 497	1 206	971	787	610	453	333	543	10 000
Chile	1956	2 472	1 919	1 509	1 145	826	638	465	346	239	441	10 000
Colômbia	1958	1 797	1 632	1 492	1 274	1 021	798	593	452	301	640	10 000
Equador	1957	1 816	1 707	1 596	1 317	1 060	827	582	411	274	410	10 000

* Para o Equador foi estimado o número dos nascidos com número de ordem 9, que estavam incluídos no grupo "9 e mais".

As proporções foram calculadas em relação ao total dos nascidos de número de ordem conhecido. A percentagem dos nascidos de número de ordem ignorado excede 2 somente no México (2,2), no Equador (13,8) e na Colômbia (15,1).

Para a determinação do número de ordem do nascido vivo foram computados, não somente os nascidos vivos anteriores, mas também os nascidos mortos, nos seguintes países: Costa Rica, El Salvador, República Dominicana, Trinidad e Tobago, Chile e Equador.

Cumpra lembrar que, na população feminina em idade fértil dos países latino-americanos, é elevada, em geral, a proporção dos grupos de idade mais moços, de 15 a 24 anos, e baixa a dos grupos mais velhos, de 40 a 49 anos: por exemplo, a primeira proporção atinge 41,2% no México e 42,6% no Brasil e na Colômbia, enquanto alcança apenas 27,6% nos Estados Unidos e 30,3% no Canadá; e a segunda desce para 16,1% na Colômbia, 16,5% no Brasil e 18,3% no México, enquanto sobe para 24,9% no Canadá e 27,6% nos Estados Unidos¹⁴. A elevada proporção das mulheres em idades moças tende a determinar proporções elevadas de nascidos com número de ordem baixo, na América Latina.

Apesar desta circunstância, a proporção dos primogênitos entre os nascidos vivos, que atinge 27,0% no Canadá e 27,5% nos Estados Unidos, e sobe para 31,6% na Holanda e 33,1% na Dinamarca (países escolhidos para as comparações da tabela VII, em consideração das menores perturbações demográficas por eles sofridas no curso da guerra mundial), fica mais baixa, variando entre o máximo de 24,7% (Chile) e o mínimo de 16,9% (Costa Rica), nos onze países latino-americanos da tabela VI, e descendo abaixo de 20% em cinco deles.

A proporção dos secundogênitos, é, também, relativamente baixa nos países latino-americanos, variando entre 20,0% em Porto Rico e 15,1% em Costa Rica, em comparação com 23,5% no Canadá, 25,8% nos Estados Unidos, 25,7% na Holanda e 30,1% na Dinamarca.

Acham-se, pelo contrário, nos países da América Latina, proporções muito elevadas de nascidos com número de ordem superior a 5: do máximo de 33,1% de Costa Rica ao mínimo de 20,5% do México. É possível que o dado de Costa Rica esteja errado por excesso em consequência de erros no mesmo sentido nas declarações do número de ordem dos nascidos; com efeito, parece excessivo o seu destaque dos dados que se lhe seguem em ordem decrescente: 27,8% da Colômbia, 27,3% de Trinidad e Tobago e 26,3% de Porto Rico¹⁵. No Canadá a proporção correspondente é de 13,0%, e nos Estados Unidos de 9,1%; na Holanda de 10,6% e na Dinamarca de apenas 4,9%.

As proporções dos nascidos com os números de ordem intermediários, isto é, de 3 a 5, variam nos onze países latino-americanos entre os máximos de 39,7% do Equador e de 39,3% da Guatemala e os mínimos de 34,8% do Chile e de 32,1% de Porto Rico. Seu nível médio não se distancia muito dos observados no Canadá (36,5%) e nos Estados Unidos (37,6%), excedendo, porém, os níveis observados nos países europeus incluídos nas comparações da tabela VII (32,1% Holanda, 31,9% Dinamarca).

14 Na própria Argentina, a proporção dos grupos de 15 a 24 anos, 33,8%, excede a do Canadá, enquanto a dos grupos de 40 a 49 anos, 23,1%, fica menor do que a canadense.

15 A proporção elevada verificada em Porto Rico em 1957 reflete principalmente níveis de fecundidade de anos anteriores de um decênio ou mais a essa data, isto é, de um período em que a fecundidade era bem maior do que nos últimos anos, durante os quais se difundiu rapidamente o costume da limitação voluntária da prole.

Tabela VII

Nascidos vivos segundo o número de ordem*
Proporções por 10 000

PAÍS	ANO	NASCIDOS VIVOS COM NÚMEROS DE ORDEM				TOTAL
		1 e 2	3 a 5	6 a 9	10 e mais	
Panamá	1958	3 735	3 758	2 043	464	10 000
Trinidad e Tobago ..	1957	3 600	3 674	2 183	543	10 000
Colômbia	1958	3 429	3 787	2 144	640	10 000
Equador	1957	3 523	3 973	2 094	410	10 000
Canadá	1958	5 054	3 645	1 040	261	10 000
Estados Unidos	1957	5 332	3 758	785	125	10 000
Holanda	1958	5 729	3 209	908	154	10 000
Dinamarca	1957	6 324	3 186	443	47	10 000

* Para os países latino-americanos, veja-se a nota à tabela VI.

Para a determinação do número de ordem do nascido vivo foram computados somente os nascidos vivos anteriores no Canadá e nos Estados Unidos, e também os nascidos mortos na Holanda e na Dinamarca.

A análise desenvolvida acima põe em evidência uma notável característica do padrão de natalidade predominante na América Latina, isto é, a elevada prolificidade, o alto número médio de filhos gerados pela mulher que participa da reprodução.

Uma documentação ulterior dessa elevada prolificidade é fornecida na tabela VIII, onde as proporções dos nascidos vivos na Colômbia e nos Estados Unidos segundo o número de ordem, são calculadas separadamente para cada grupo quinquenal de idade das mães. A comparação confirma a alta prolificidade característica do padrão latino-americano predominante: já no grupo de 20 a 24 anos, a proporção dos primogênitos e secundogênitos desce para 53,1% na Colômbia, enquanto ainda ascende a 70,4% nos Estados Unidos; e as proporções correspondentes descem, respectivamente para 13,4% e 27,2% no grupo de 30 a 34 anos e para 6,9% e 15,7% no de 40 a 44 anos. De outro lado, a proporção dos nascidos com número de ordem superior a 5 já atinge 4,2% no grupo de 20 a 24 anos na Colômbia, enquanto alcança apenas 1,3% nos Estados Unidos; e sobe, respectivamente, para 48,4% e 18,0% no grupo de 30 a 34 anos e para 72,3% e 42,1% no de 40 a 44 anos.

Tabela VIII

Nascidos vivos segundo o número de ordem, nos diferentes grupos de idade da mãe
 Proporções por 10 000

IDADE DA MÃE Anos	PAÍS	NASCIDOS VIVOS COM NÚMERO DE ORDEM				TOTAL
		1 e 2	3 a 5	6 a 9	10 e mais	
Até 19	Col.	8 814	1 186	-	-	10 000
	E.U.	9 387	610	3	-	10 000
20 a 24	Col.	5 313	4 265	422	-	10 000
	E.U.	7 041	2 831	127	1	10 000
25 a 29	Col.	2 432	5 065	2 311	192	10 000
	E.U.	4 312	4 878	786	24	10 000
30 a 34	Col.	1 345	3 820	3 959	876	10 000
	E.U.	2 722	5 482	1 613	183	10 000
35 a 39	Col.	863	2 712	4 286	2 139	10 000
	E.U.	2 014	5 090	2 277	619	10 000
40 a 44	Col.	694	2 075	3 807	3 424	10 000
	E.U.	1 571	4 220	2 796	1 413	10 000
45 a 49	Col.	870	2 178	3 722	3 230	10 000
	E.U.	1 178	3 054	2 820	2 948	10 000

* * *

* Proporções calculadas sobre os totais dos nascidos vivos de número de ordem conhecido em cada grupo de idade da mãe.

Dados de 1957 para os Estados Unidos e de 1958 para a Colômbia.

10. Aproveitando-se os mesmos dados sobre os nascidos vivos na Colômbia (1958) e nos Estados Unidos (1957), calcularam-se, na tabela IX a, taxas de fecundidade segundo a idade da mãe e o número de ordem do filho.

Como já constava da comparação entre as tabelas III a e III b, a fecundidade da mulher nas idades mais moças é levemente menor no país latino do que no anglo-saxônio, mas a partir do grupo de 25 a 29 anos se manifesta uma forte superioridade das taxas colombianas sobre as estadunidenses, que vai se acentuando cada vez mais, em medida relativa, ao subir da idade¹⁶.

Já no grupo de idade de 20 a 24 anos, a frequência dos nascimentos de primogênitos e secundogênitos é apenas de 130,8 por 1 000 mulheres na Colômbia, em comparação com 179,3 nos Estados Unidos, enquanto a frequência dos nascidos com número de ordem de 3 a 5 atinge 105,1 por 1 000 mulheres no primeiro país, em comparação com 72,1 no segundo, e a dos nascidos com número de ordem superior a 5, respectivamente 10,4 e 3,3 por 1 000.

No grupo de 25 a 29 anos, a frequência dos nascimentos de primogênitos e secundogênitos fica, ainda, menor na Colômbia, 72,8 por 1 000 mulheres, do que nos Estados Unidos, 85,5, enquanto é muito maior no primeiro país do que no segundo a frequência dos nascidos com número de ordem de 3 a 5 (151,7 por 1 000 mulheres, em comparação com 96,8), como também, e em maior proporção, a dos nascidos com número de ordem superior a 5 (respectivamente 75,0 e 16,1 por 1 000).

Já no grupo de 30 a 34 anos a própria frequência dos nascimentos de primogênitos e secundogênitos se torna um pouco maior na Colômbia (33,0 por 1 000 mulheres) do que nos Estados Unidos (31,7); a dos nascidos com número de ordem de 3 a 5 é fortemente maior no primeiro país (93,6) do que no segundo (63,9); e a dos nascidos com número de ordem superior a 5 destaca-se ainda mais (Colômbia 118,5, Estados Unidos 20,9 por 1 000 mulheres).

A superioridade relativa das taxas colombianas sobre as estadunidenses aumenta cada vez mais ao subir da idade; assim, no grupo de 40 a 44 anos, a frequência dos nascidos primogênitos e secundogênitos atinge 5,2 por 1 000 mulheres na Colômbia e 2,5 nos Estados Unidos; a dos nascidos com número de ordem de 3 a 5, respectivamente, 15,6 e 6,6, e a dos com número de ordem superior a 5, respectivamente, 54,5 e 6,6.

16 As leves diferenças entre as taxas de fecundidade por grupos de idade constantes da última coluna da tabela IX a e as das tabelas III a (para a Colômbia) e III b (para os Estados Unidos) dependem de pequenas divergências dos critérios de cálculo, e da circunstância de que os dados para a Colômbia se referem ao único ano de 1958 na tabela IX a e à média do triênio 1957-59 na III a.

E, ainda no grupo de 45 a 49 anos, a freqüência dos nascidos com número de ordem superior a 5 atinge 20,6 por 1 000 mulheres na Colômbia, enquanto fica reduzida a menos de 0,6 nos Estados Unidos.

Mesmo admitindo-se que, em consequência das irregularidades no registro dos nascimentos, e dos erros nas declarações da idade das mulheres e do número de ordem dos filhos, a prolificidade aparente das mulheres colombianas fique algo maior do que a efetiva¹⁷, cumpre reconhecer que, em grande parte, a forte superioridade aparente das taxas colombianas sobre as estadunidenses indica superioridade real.

17 Aliás, as próprias estatísticas dos Estados Unidos não estão isentas dos erros acima referidos.

Tabela IX a

Taxas de fecundidade segundo o número de ordem do nascido vivo, por grupos de idade*

IDADE DA MÃE Anos	PAÍS	NASCIDOS VIVOS, POR 1 000 MULHERES, COM NÚMERO DE ORDEM										TOTAL NASCIDOS VIVOS POR 1 000 MULHERES
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10 e mais	
15 a 19	Col.	52,35	22,20	7,64	1,97	0,42	-	-	-	-	-	84,58
	E.U.	67,85	22,04	4,86	0,85	0,13	0,02	0,01	0,00	0,00	-	95,76
20 a 24	Col.	64,08	66,78	53,97	33,31	17,78	7,30	3,09	-	-	-	246,31
	E.U.	92,38	86,95	46,39	18,85	6,88	2,30	0,67	0,20	0,06	0,03	254,71
25 a 29	Col.	29,81	43,03	53,29	53,53	44,91	32,26	19,13	12,05	5,80	5,74	299,55
	E.U.	31,41	54,14	50,28	30,36	16,14	8,55	4,29	1,94	0,82	0,48	198,41
30 a 34	Col.	13,60	19,37	26,42	33,04	34,17	33,41	28,88	21,49	13,24	21,48	245,10
	E.U.	10,30	21,43	28,47	21,92	13,50	8,29	5,23	3,33	1,95	2,13	116,55
35 a 39	Col.	6,64	8,55	12,65	16,54	18,58	21,26	20,17	19,45	14,60	37,67	176,11
	E.U.	4,04	8,00	11,70	10,91	7,81	5,29	3,66	2,65	2,00	3,70	59,76
40 a 44	Col.	2,52	2,70	4,30	5,44	5,89	6,58	6,77	8,32	7,00	25,78	75,30
	E.U.	0,94	1,53	2,30	2,38	1,94	1,53	1,19	0,92	0,75	2,22	15,70
45 a 49	Col.	1,54	1,04	1,59	2,77	2,09	2,25	2,32	3,59	2,86	9,56	29,61
	E.U.	0,05	0,07	0,10	0,09	0,11	0,08	0,07	0,06	0,06	0,29	0,98

* Para o cálculo das taxas, os poucos nascidos de mães em idade inferior a 15 anos foram atribuídos ao grupo de 15 a 19 anos; os nascidos de mãe de idade ignorada foram distribuídos proporcionalmente entre os diferentes grupos de mães de idade conhecida; e os nascidos de número de ordem ignorado foram distribuídos proporcionalmente entre as diferentes classes de número de ordem conhecido, em cada grupo de idade da mãe.

Dados de 1957 para os Estados Unidos e de 1958 para a Colômbia.

Para três outros países latino-americanos - Pôrto Rico, Trinidad e Tobago e o Chile - constam da tabela IX b taxas de fecundidade segundo o número de ordem dos nascidos, por grupos de idade da mãe, calculadas pelo Serviço de População das Nações Unidas com critérios em parte divergentes dos aplicados no cálculo da tabela IX a. Entretanto, os dados das duas tabelas são comparáveis com ótima aproximação, exceto para o primeiro grupo de idade, que na tabela IX a é o de 15 a 19 anos e na IX b o de 10 a 19.

Tomando-se, ainda, como termos de comparação os dados estadunidenses, verifica-se que no grupo de idade de 20 a 24 anos a freqüência dos nascimentos de primogênitos e secundogênitos é bem menor nos três países latino-americanos (139,8 por 1 000 mulheres em Pôrto Rico, 131,8 em Trinidad e Tobago e 126,3 no Chile) do que nos Estados Unidos (179,3), enquanto a freqüência dos nascidos com número de ordem superior a 5 já atinge 16,1 por 1 000 mulheres em Pôrto Rico e 19,6 em Trinidad e Tobago, em comparação com apenas 3,3 nos Estados Unidos (no Chile, país de natalidade moderada no quadro latino-americano, verifica-se a proporção de 4,1 por 1 000 mulheres).

No grupo de 30 a 34 anos, a freqüência dos nascimentos de primogênitos e secundogênitos ascende a 29,4 por 1 000 mulheres em Pôrto Rico, a 22,0 em Trinidad e Tobago e a 46,9 no Chile, em comparação com 31,7 nos Estados Unidos. E a freqüência dos nascidos com número de ordem superior a 5 sobe para 106,0 por 1 000 mulheres em Pôrto Rico, 107,3 em Trinidad e Tobago e 57,2 no Chile, em comparação com apenas 20,9 nos Estados Unidos.

No grupo de 40 a 44 anos, a freqüência dos nascimentos de primogênitos e secundogênitos desce para 3,4 por 1 000 mulheres em Pôrto Rico, 1,8 em Trinidad e Tobago e 8,2 no Chile, em comparação com 2,5 nos Estados Unidos. A freqüência dos nascidos com número de ordem superior a 5 atinge 42,5 por 1 000 mulheres em Pôrto Rico, 26,3 em Trinidad e Tobago e 38,4 no Chile, em comparação com 6,6 nos Estados Unidos. É digna de nota a alta taxa chilena, que reflete a maior fecundidade das gerações mais velhas em comparação com as gerações novas.

As taxas de fecundidade segundo o número de ordem dos nascidos, por grupos de idade das mães, apresentam notáveis diferenças nos diversos países latino-americanos; todavia, na comparação com as dos Estados Unidos, revelam a característica comum da elevada prolicidade, que ainda mais resultaria na comparação com países da Europa Ocidental (comparação que encontra obstáculo na diversidade dos critérios de levantamento nestes aplicados).

Tabela IX b

Taxas de fecundidade segundo o número de ordem do nascido vivo, por grupos de idade*

IDADE DA MÃE Anos	PAÍS	NASCIDOS VIVOS POR 1 000 MULHERES, COM NÚMERO DE ORDEM										TOTAL NASCIDOS VIVOS POR 1 000 MULHERES
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
10 a 19	P. Rico	26,9	12,1	4,6	0,9	0,2	0,1	0,0	0,0	0,0	-	45,6
	Tr. e Tob.	37,6	19,9	6,1	1,4	0,3	0,0	0,0	-	-	-	65,7
	Chile	24,0	7,5	2,2	0,4	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	33,1
20 a 24	P. Rico	69,8	70,0	63,4	38,6	19,9	9,5	3,8	1,5	0,6	0,7	279,7
	Tr. e Tob.	58,7	73,1	79,2	54,0	29,3	13,0	4,1	1,7	0,5	0,3	315,4
	Chile	72,8	53,5	33,3	17,5	7,4	2,6	0,9	0,3	0,2	0,1	186,7
25 a 29	P. Rico	30,4	36,7	42,7	41,4	36,2	29,3	20,3	12,2	5,9	5,5	260,3
	Tr. e Tob.	20,9	31,2	36,4	40,3	39,5	35,2	24,8	11,7	6,3	4,1	251,3
	Chile	44,9	42,5	38,2	30,8	22,2	14,4	7,3	3,2	1,3	0,9	206,6
30 a 34	P. Rico	13,6	15,8	20,4	21,7	23,1	25,7	24,3	21,3	13,9	20,8	200,0
	Tr. e Tob.	7,5	14,5	18,5	20,4	22,6	24,8	24,3	22,8	16,1	19,3	191,3
	Chile	22,9	24,0	25,5	24,3	21,5	19,5	14,9	10,4	6,3	6,1	177,5
35 a 39	P. Rico	5,7	6,0	7,5	9,6	11,6	13,9	15,1	16,0	15,5	42,5	143,1
	Tr. e Tob.	3,6	5,0	6,0	9,5	12,1	12,0	13,5	13,3	12,3	28,8	116,3
	Chile	10,9	10,9	12,6	12,8	12,8	12,8	12,6	11,5	9,2	15,0	123,0
40 a 44	P. Rico	1,9	1,5	2,1	2,1	2,9	3,8	3,7	5,1	5,3	24,6	53,1
	Tr. e Tob.	0,7	1,1	1,2	1,9	2,6	2,9	2,9	3,5	4,0	13,0	34,0
	Chile	4,5	3,7	4,4	4,9	5,2	5,5	5,7	5,6	5,6	16,0	62,1
45 a 49	P. Rico	0,6	0,1	0,2	0,4	0,6	0,4	0,6	0,8	1,2	6,6	11,7
	Tr. e Tob.	-	0,1	0,3	0,3	0,1	0,5	0,4	0,2	1,0	2,4	5,3
	Chile	1,7	1,1	1,0	1,0	1,0	1,4	1,5	1,3	1,3	5,1	16,8

* Calculadas pelo Serviço de População das Nações Unidas, no Annuaire démographique, 1959. Os critérios aplicados no cálculo diferem dos aplicados pelo autor no cálculo da tabela IX a, tendo sido considerado como primeiro grupo de idade fértil o de 10 a 19 (em vez do de 15 a 19) anos, e não tendo sido distribuídos entre as diferentes classes de número de ordem conhecido os nascidos de número de ordem ignorado (que, porém, foram incluídos no cálculo das taxas totais da última coluna).

Dados de 1951 para Porto Rico, de 1952 para o Chile e de 1957 para Trinidad e Tobago.

11. Mais uma ilustração das características da fecundidade latino-americana é oferecida pelos dados da tabela X, onde estão comparadas as idades médias das mães no nascimento do 1º, do 2º, do 3º ... filho na Guatemala e no Canadá.

A idade média das mães no nascimento de um filho (de qualquer número de ordem) é um pouco menor na Guatemala, 27,2 anos, do que no Canadá, 28,1.

As idades médias no nascimento do primeiro, do segundo, do terceiro e do quarto filho na Guatemala ficam inferiores na medida de dois anos a dois anos e meio às no Canadá, indicando o início mais precoce e o exercício mais intenso da atividade reprodutora. Em correspondência ao quinto e sexto filhos, a diferença atenua-se progressivamente, e quase se anula em correspondência ao sétimo. No nascimento do oitavo filho e dos sucessivos, as idades médias das mães ficam mais elevadas na Guatemala do que no Canadá, indicando o mais freqüente protraimento da atividade reprodutora no primeiro país.

Tabela X

Idade média da mãe no nascimento do n^{mo} filho*

<u>n</u>	IDADE MÉDIA DA MÃE NO NASCIMENTO DO n ^{mo} FILHO	
	Guatemala	Canadá
1	21,91	24,14
2	24,03	26,50
3	26,36	29,80
4	28,33	30,28
5	30,12	31,58
6	31,85	32,59
7	33,41	33,59
8	34,94	34,57
9	36,03	35,34
10 e mais	38,14	37,50

* * *

* Para o cálculo da idade média das mães, foram aplicadas as seguintes médias de grupo:
18 anos no grupo das idades inferiores a 20 anos, 23 no das de 20 a 24, 27,5 no de 25 a 29, 32,5 no de 30 a 34, 37 no de 35 a 39, 42 no de 40 a 44, e 47 no de 45 e mais.
Dados de 1958.

12. Os levantamentos censitários, também, oferecem dados sobre a prolificidade feminina, discriminando as mulheres, em cada grupo de idade, segundo o número dos filhos tidos até a data do censo.

Para oito países latino-americanos, a tabela XI dá a distribuição proporcional segundo o número dos filhos tidos nascidos vivos¹⁸, das mulheres em idades de 45 a 49 anos, ou de 45 e mais, ou de 50 e mais, cuja fecundidade já está quase ou totalmente esgotada.

A interpretação destes dados exige muita prudência. Com efeito, em vários países não é desprezível o número das mulheres que não declararam se tiveram filhos e quantos (vejam-se dados em nota à tabela XI); e, enquanto para as moças de 10 a 14 anos a falta de resposta ao quesito dos filhos tidos indica, em geral, que êste foi considerado não pertinente, para as mulheres de 45 anos e mais a mesma falta denota amiúde a reticência em declarar filhos efetivamente tidos, sendo apenas em raros casos devida a esquecimento de quem preencheu o questionário.

De outro lado, parece muito provável para alguns países, e certo para outros, que também uma elevada fração das mulheres que declararam não ter tido filhos tenha disfarçado a verdade. Com efeito, enquanto num país de natalidade moderada, a Argentina, a proporção das mulheres de 50 anos e mais que não tiveram filhos é apenas de 9,1% (e subiria apenas para 11,1%, supondo-se que metade das que não responderam ao quesito não tenham tido filhos), num país de natalidade muito elevada, a Venezuela, a proporção correspondente atinge, aparentemente, 23,7% (e subiria para 26,8% na hipótese acima especificada). O dado para a Argentina parece fidedigno: em Portugal (1950) a proporção correspondente para as mulheres de 45 anos e mais ascende a 12,8% na Iugoslávia (1953), para as mulheres de 50 anos e mais, a 11,5%; e na própria França (1954), país de baixa natalidade e assolado pela guerra recente, não excede 17,4%, para as mulheres de 45 a 49 anos. Parecem, logo, fortemente suspeitas de êrro por excesso não somente as proporções da ordem de 24 a 20%, constantes da tabela XI para a Venezuela, Cuba, o México, Trinidad e Tobago, mas também a excedente 15%, do Brasil.

Além das circunstâncias acima especificadas, outras causas de erros, involuntários ou voluntários, afetam as declarações do número dos filhos tidos.

Torna-se, entretanto, evidente a elevada prolificidade característica da maior parte dos países latino-americanos, considerando-se as proporções das mulheres que tiveram mais de 5 filhos: entre as de 45 a 49 anos, 53,1% no Brasil, 43,6% no México, 42,0% na Venezuela, 40,8% no Panamá; entre as de 45 anos e mais, 50,1% em Pôrto Rico; entre as de 50 anos e mais, 54,0% no Brasil, 42,3% na Argentina, 41,6% no Panamá, 41,0% na Venezuela. Proporções menos elevadas verificam-se em Cuba (30,2% entre as mulheres de 45 a 49 anos e 38,5% entre as de 50 anos e mais) e em Trinidad e Tobago (respectivamente

18 Para o Brasil, nascidos vivos e nascidos mortos.

te, 29,3% e 34,5%).

Apesar das variadas e graves falhas que os alteram, os dados dos censos confirmam, portanto, as conclusões tiradas da análise das estatísticas dos nascimentos.

Cumprir observar que os dados censitários referentes à prolicidade das mulheres de 45 ou 50 anos e mais, refletindo principalmente o nível da natalidade em períodos bem anteriores à data do censo, indicam níveis elevados de prolicidade mesmo em países onde nos últimos lustros a frequência dos nascimentos diminuiu mais ou menos fortemente, como a Argentina, Porto Rico e Cuba.

Tabela XI

Mulheres, segundo o número dos filhos tidos*
 Proporções por 10 000

PAÍS	ANO	IDADE Anos	MULHERES, COM O NÚMERO INDICADO DE FILHOS								TOTAL
			0	1	2	3	4	5	6 a 10	11 e mais	
México	1950	45 a 49	2 136	652	689	705	709	746	3 133	1 230	10 000
Panamá	1950	45 a 49	1 322	1 105	1 015	853	822	800	3 158	925	10 000
"	1950	50 e mais	1 259	1 061	989	880	873	777	3 208	953	10 000
Cuba	1953	45 a 49	2 310	1 069	1 147	943	811	703	2 072	945	10 000
"	1953	50 e mais	2 321	800	838	764	740	686	2 385	1 466	10 000
Pôrto Rico	1950	45 e mais	1 319	711	722	733	730	772	3 498	1 515	10 000
Trinidad e Tobago ...	1946	45 a 49	2 049	1 446	1 132	935	796	708	2 283	651	10 000
" " " ...	1946	50 e mais	1 776	1 229	1 091	897	842	715	2 629	821	10 000
Argentina	1947	50 e mais	905	816	1 056	1 077	1 012	908	3 420	806	10 000
Brasil	1950	45 a 49	1 585	550	617	626	655	660	3 375	1 932	10 000
"	1950	50 e mais	1 795	506	537	549	594	617	3 276	2 126	10 000
Venezuela	1950	45 a 49	2 159	787	747	722	696	688	3 010	1 191	10 000
"	1950	50 e mais	2 374	712	713	683	704	713	2 979	1 122	10 000

* Filhos tidos nascidos vivos. Somente para o Brasil, nascidos vivos e nascidos mortos. Para a Argentina foi estimado o número das mulheres com 10 filhos tidos, que estavam incluídas no grupo "10 e mais".

As proporções foram calculadas em relação aos totais das mulheres que tinham declarado o número dos filhos tidos. As que não o tinham declarado constituíam as seguintes percentagens do total das coetâneas: Panamá, 5,4 (45 a 49) e 6,1 (50 e mais); Pôrto Rico, 1,7; Trinidad e Tobago, 5,5 (45 a 49) e 7,0 (50 e mais); Argentina, 3,9; Venezuela, 5,8 (45 a 49) e 6,4 (50 e mais).

Como síntese dos dados da tabela XI, apresentam-se abaixo os números médios dos filhos tidos por 100 mulheres, de acordo com as distribuições constantes dessa tabela.

Para as idades de 45 a 49 anos: 560 filhos tidos nascidos vivos por 100 mulheres no Brasil¹⁹, 493 no México, 491 na Venezuela, 484 no Panamá, 399 em Cuba, 382 em Trinidad e Tobago. A comparação com outros países de civilização ocidental é dificultada pelos critérios de apuração aplicados na maior parte destes, onde as distribuições segundo o número dos filhos tidos ficam limitadas às mulheres casadas ou às que estão ou estiveram casadas. Têm-se, entretanto, dados comparáveis para Portugal (1950), onde a proporção de 436 filhos tidos por 100 mulheres de 45 anos e mais reflete a natalidade passada, bem maior do que a atual; e para a França (1954), onde a proporção de 228 filhos tidos pelas mulheres de 45 a 49 anos indica um nível muito baixo de prolicidade. Para as mulheres casadas da mesma idade verificam-se as proporções de 230 filhos tidos nascidos vivos por 100 na Suíça (1950) e de 247 na Inglaterra e Gales (1951); para as casadas e ex-casadas, verifica-se a proporção de 235 por 100 nos Estados Unidos (1952).

Para as mulheres de 45 anos e mais: 581 filhos tidos nascidos vivos por 100 mulheres em Porto Rico. E para as de 50 anos e mais: 572 no Brasil¹⁹, 501 na Argentina, 492 no Panamá, 482 na Venezuela, 464 em Cuba, 426 em Trinidad e Tobago. Em países de fecundidade estacionária, ou pouco variável através do tempo, estas proporções deveriam estar próximas das taxas cumulativas de fecundidade da tabela V; as diferenças para menos que se verificam no México (493²⁰ contra 593), na Venezuela (482 contra 592) e em Trinidad e Tobago (426 contra 535) provavelmente dependem sobretudo das falhas do levantamento censitário; as diferenças para mais que se verificam em Porto Rico (581 contra 437) e na Argentina (501 contra 311), dependem principalmente da recente queda da natalidade nestes países.

Limitando-se o cálculo da proporção dos filhos tidos nascidos vivos às mulheres que declararam tê-los tido (isto é, excluindo-se as que declararam não ter tido filhos), obtêm-se, obviamente valores mais elevados.

Para as mulheres de 45 a 49 anos, 703 filhos tidos nascidos vivos por 100 mulheres no Brasil (isto é, em média, sete filhos tidos por mulher prolífica), 627 no México, 626 na Venezuela, 559 no Panamá, 519 em Cuba e 480 em Trinidad e Tobago.

19 No cálculo das proporções para o Brasil, foram excluídos os filhos tidos nascidos mortos, estimados em 5% do total.

20 Para o grupo de idade de 45 a 49 anos.

Para as mulheres de 45 anos e mais: 669 filhos tidos nascidos vivos por 100 mulheres em Porto Rico. E para as de 50 anos e mais: 733 no Brasil, 632 na Venezuela, 604 em Cuba, 563 no Panamá, 551 na Argentina e 518 em Trinidad e Tobago.

Não obstante as falhas e as imprecisões, os dados censitários examinados contribuem para tornar evidentes os níveis muito elevados da prolificidade na maior parte da América Latina.

* * *

13. Recapitulando os resultados das análises efetuadas, pode-se afirmar que na maior parte dos países da América Latina, compreendendo quatro quintos da população desta região, os níveis da natalidade mantêm-se muito elevados, em virtude do freqüente início precoce da atividade reprodutora da mulher e da intensa continuação desta atividade no curso do período fértil da sua vida.

Apenas na Argentina e no Uruguai verificam-se indícios certos de uma larga limitação voluntária da prole, exercida pelo atraso do casamento ou do início da união livre e pelo controle dos nascimentos na união conjugal e fora dela. No Chile e em Porto Rico, observam-se indícios de uma difusão gradual desse costume, ainda muito menos extensa, porém, do que nas duas repúblicas platenses, e Cuba parece estar encaminhada para o mesmo rumo.

As medidas da natalidade, da fecundidade e da prolificidade nos demais países latino-americanos concordam em atestar que, apesar da recente forte diminuição da mortalidade, persistem nestes países freqüências de nascimentos tão elevadas que aceleram o incremento demográfico muito além dos limites dentro dos quais se tornaria conveniente mantê-lo para facilitar a defesa e a melhoria do padrão de vida das populações²¹.

Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1962

²¹ Veja-se, acerca deste assunto, o artigo do autor sobre o incremento demográfico da América Latina e seus reflexos econômicos, na revista italiana "L'Industria" de janeiro de 1962.

A P Ê N D I C E

Tabela XII

Cálculo das taxas de fecundidade feminina por grupos de idade*

IDADE Anos	COSTA RICA (1957-59)			EL SALVADOR (1957-59)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(62 333)	(56)	(0,9)	(141 280)	(118)	(0,8)
15 a 19	54 876	6 356	115,8	133 505	17 233	129,1
20 a 24	49 514	15 521	313,5	122 402	33 683	275,2
25 a 29	43 385	13 513	311,5	96 897	29 580	305,3
30 a 34	34 226	8 987	262,6	75 299	18 351	243,7
35 a 39	27 596	5 905	214,0	75 566	12 190	161,3
40 a 44	25 022	1 987	79,4	59 249	3 235	54,6
45 a 49	20 464	295	14,4	45 700	845	18,5
<u>15 a 49</u>	<u>255 083</u>	<u>52 564</u>	<u>206,1</u>	<u>608 618</u>	<u>115 117</u>	<u>189,1</u>

IDADE Anos	GUATEMALA (1957-59)			HONDURAS (1957-59)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(198 885)	(256)	(1,3)	(104 635)	(62)	(0,6)
15 a 19	198 830	28 629	144,0	91 922	11 742	127,7
20 a 24	180 249	48 818	270,8	84 040	21 936	261,0
25 a 29	139 716	42 907	307,1	68 557	19 762	288,3
30 a 34	99 809	28 285	283,4	56 055	12 972	231,4
35 a 39	98 898	18 603	188,1	52 287	8 300	158,7
40 a 44	77 430	5 814	75,1	43 378	2 568	59,2
45 a 49	65 339	1 644	25,2	35 912	578	16,1
<u>15 a 49</u>	<u>860 271</u>	<u>174 700</u>	<u>203,1</u>	<u>432 151</u>	<u>77 858</u>	<u>180,2</u>

Tabela XII (Continuação)

IDADE Anos	MÉXICO (1956-58)			NICARÁGUA (1957-59)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(1 853 153)	(917)	(0,5)	(80 589)	(62)	(0,8)
15 a 19	1 697 881	183 146	107,9	67 079	8 577	127,9
20 a 24	1 512 573	436 762	288,8	58 853	18 827	319,9
25 a 29	1 273 842	380 124	298,4	55 817	16 068	287,9
30 a 34	899 368	237 494	264,1	48 076	8 582	178,5
35 a 39	979 780	156 107	159,3	37 290	5 275	141,5
40 a 44	763 892	39 914	52,3	28 578	1 387	48,5
45 a 49	661 262	9 979	15,1	28 992	351	12,1
<u>15 a 49</u>	<u>7 788 598</u>	<u>1 443 526</u>	<u>185,3</u>	<u>324 685</u>	<u>59 067</u>	<u>181,9</u>

IDADE Anos	PANAMÁ (1957-59)			JAMAICA (1954-56)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(52 121)	(112)	(2,1)	(80 900)	(70)	(0,9)
15 a 19	46 067	6 818	148,0	73 600	9 056	123,0
20 a 24	41 755	12 174	291,6	66 200	17 476	264,0
25 a 29	37 213	9 651	259,3	58 400	13 757	235,6
30 a 34	30 812	5 422	176,0	55 200	8 625	156,3
35 a 39	28 230	3 217	114,0	54 700	5 010	91,6
40 a 44	19 304	776	40,2	45 500	1 643	36,1
45 a 49	16 757	149	8,9	40 400	221	5,5
<u>15 a 49</u>	<u>220 138</u>	<u>38 207</u>	<u>173,6</u>	<u>394 000</u>	<u>55 788</u>	<u>141,6</u>

Tabela XII (Continuação)

IDADE Anos	PÔRTO RICO (1957-59)			REPÚBLICA DOMINICANA (1957-59)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(138 442)	(72)	(0,5)	(177 075)	(55)	(0,3)
15 a 19	116 703	11 581	99,2	162 685	13 583	83,5
20 a 24	106 775	25 312	237,1	143 098	34 994	244,5
25 a 29	85 602	16 991	198,5	103 741	31 156	300,3
30 a 34	68 307	10 672	156,2	78 610	18 097	229,1
35 a 39	69 146	7 827	113,2	72 693	10 411	143,2
40 a 44	45 589	2 571	56,4	56 298	4 494	79,8
45 a 49	37 583	496	13,2	40 111	916	22,8
<u>15 a 49</u>	<u>529 705</u>	<u>75 450</u>	<u>142,4</u>	<u>657 236</u>	<u>113 651</u>	<u>172,9</u>

IDADE Anos	TRINIDAD E TOBAGO (1957-59)			ARGENTINA (1955-57)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(46 250)	(59)	(1,3)	(784 728)	(645)	(0,8)
15 a 19	35 200	5 162	146,6	813 627	46 402	57,0
20 a 24	28 950	9 261	319,9	846 721	129 663	153,1
25 a 29	27 100	6 911	255,0	735 817	130 155	176,9
30 a 34	25 100	4 782	190,5	720 462	87 560	121,5
35 a 39	23 250	2 697	116,0	663 312	50 549	76,2
40 a 44	20 800	742	35,7	612 356	19 747	32,2
45 a 49	18 050	87	4,8	520 734	1 815	3,5
<u>15 a 49</u>	<u>178 450</u>	<u>29 642</u>	<u>166,1</u>	<u>4 913 029</u>	<u>465 891</u>	<u>94,8</u>

Tabela XII (Continuação)

IDADE Anos	BOLÍVIA (1953-55)			CHILE (1955-57)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(142 778)	(130)	(0,9)	(379 080)	(522)	(1,4)
15 a 19	152 035	7 413	48,8	341 410	24 468	71,7
20 a 24	148 911	29 117	195,5	350 600	61 088	174,2
25 a 29	134 585	30 701	228,1	274 935	65 699	239,0
30 a 34	102 003	19 432	190,5	228 879	43 772	191,2
35 a 39	99 009	13 502	136,4	231 350	27 570	119,2
40 a 44	74 089	5 933	80,1	186 372	11 833	63,5
45 a 49	63 195	3 114	49,3	156 222	2 458	15,7
<u>15 a 49</u>	<u>773 827</u>	<u>109 212</u>	<u>141,1</u>	<u>1 769 768</u>	<u>236 888</u>	<u>133,9</u>

IDADE Anos	COLÔMBIA (1957-59)			EQUADOR (1956-58)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(792 185)	(308)	(0,4)	(218 499)	(167)	(0,8)
15 a 19	729 145	60 918	83,5	196 098	18 476	94,2
20 a 24	663 077	164 181	247,6	181 908	53 715	295,3
25 a 29	538 649	161 558	299,9	154 364	50 445	326,8
30 a 34	406 251	99 667	245,3	117 525	29 864	254,1
35 a 39	402 500	71 215	176,9	115 916	21 302	183,8
40 a 44	288 775	21 445	74,3	89 085	7 002	78,6
45 a 49	236 852	6 464	27,3	72 778	2 153	29,6
<u>15 a 49</u>	<u>3 265 249</u>	<u>585 448</u>	<u>179,3</u>	<u>927 674</u>	<u>182 957</u>	<u>197,2</u>

Tabela XII (Conclusão)

IDADE Anos	PERU (1956-58)			VENEZUELA (1954-56)		
	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000	Mulheres presentes	Nascidos vivos	Taxa de fecundidade por 1 000
10 a 14	(575 252)	(302)	(0,5)	(331 889)	(369)	(1,1)
15 a 19	499 260	34 805	69,7	303 256	36 547	120,5
20 a 24	419 337	96 280	229,6	285 521	79 100	277,0
25 a 29	324 578	89 655	276,2	238 154	71 631	300,8
30 a 34	262 531	54 036	205,8	189 178	43 510	230,0
35 a 39	240 718	37 912	157,5	174 489	27 558	157,9
40 a 44	214 866	12 914	60,1	137 757	8 866	64,4
45 a 49	180 278	4 234	23,5	104 463	3 298	31,6
<u>15 a 49</u>	<u>2 141 568</u>	<u>329 836</u>	<u>154,0</u>	<u>1 432 818</u>	<u>270 510</u>	<u>188,8</u>

* Para o cálculo das taxas de fecundidade, os nascidos de mães de idade ignorada foram distribuídos entre os diversos grupos de idade das mães proporcionalmente aos números dos nascidos de mães de idade conhecida. A percentagem deles no total dos nascidos vivos excede 2 nos seguintes países: El Salvador 2,1, Equador 4,5, Porto Rico 4,9, Argentina 10,5, Nicarágua 10,5, Colômbia 12,7, Bolívia 15,4.